

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 1

**TEMA [título fantasia proposto por mim...o Grupo, claro, pode discordar]:**  
**Mídia e homossexualidade: a repercussão da campanha de “O Boticário”- 2015 para o “Dia dos Namorados”**

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários*

O tema da sexualidade é relevante para o debate sobre corporeidade e, por isso mesmo, pertinente para o trabalho final. O Grupo deveria ir mais fundo em um autor que foi tratado no curso e que não está incluído na lista dos interlocutores principais dentre os lidos na disciplina, Michel Foucault. Ademais, deve pesquisar mais sistematicamente bibliografia complementar específica sobre o tema mídia e homossexualidade / publicidade e homossexualidade. Vejo dois problemas na proposta, ao menos na forma como a mesma está desenhada no texto que nos foi entregue na semana passada:

- a) por um lado, o grupo parece ter pouco clara qual a discussão teórica que sustenta o seu objeto empírico.
  - a. Esta, a meu juízo, seria (se bem entendi a proposta): como mudam os valores com respeito à sexualidade em nossas sociedade e o lugar que a mídia e a publicidade podem ter nesta mudança.
  - b. Pelo fato de que isso não está claro, o Grupo trata a revisão da literatura como um objeto em si quando ela é, a rigor, o pano de fundo teórico para situar o exemplo empírico; mas não é um outro alvo empírico.
  - c. Ademais, não fica claro como, nesta revisão, o Grupo vai privilegiar a questão do corpo e as construções sociais a respeito deste – lembrem que isso é o que nos importa na disciplina nesta parte. É certo que sexualidade e corporeidade são parte de um mesmo território analítico, mas o Grupo precisa evidenciar-lo, mostrando as conexões e indicando como a sociologia contribui a elucidá-las
- b) Por outro lado, o grupo não tem clareza, ou quando menos não deixa claro no texto que nos foi entregue, como vai estudar a repercussão desta campanha de 2015 da “O Boticário”: vai reunir material o que se debateu nas mídias virtuais? Vai ver como a campanha repercutiu na mídia impressa? Vai ouvir pessoas selecionadas a respeito? Isso deveria ter sido muito mais claramente indicado nesta etapa!!! Urge esclarece-lo. Até porque, sem isso, não lhes poderemos ajudar de modo mais efetivo.

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 2

**TEMA [título fantasia proposto por mim...o Grupo, claro, pode discordar]:**  
**O controle disciplinar do corpo e a terapia ocupacional: um olhar crítico sobre o recurso à técnica de análise de atividade em T.O.**

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os  
nossos comentários*

Acho o tema proposto pelo Grupo muito interessante e pertinente na medida em que se pretende colocar isso em perspectiva o percurso da disciplina, na forma de uma crítica histórico-sociológica da trajetória do campo. Para tornar tal crítica factível focalizam num recurso: a técnica de análise de atividade. Para ligar a crítica ao tema da disciplina escolheram um elo, o da formulação foucaultiana sobre o controle disciplinar do corpo. Reitero o que disse no dia da apresentação do Grupo: o tema me pareceu muito bom!

Entretanto, há que cuidar apenas para que os dois objetivos que me parece envolvidos no trabalho não fiquem muito amplos em sua pretensão e não engolfem o grupo no pouco tempo que temos. Como vejo os dois objetivos – e para a calibragem no desenvolvimento deles é que alerto o Grupo:

- a) Por um lado, o grupo pode (e penso que deve) mostrar como o recurso da análise de atividades (se entendi bem o modo como o Grupo o explicou em classe e haveria que explica-lo detidamente no trabalho final
  - a. expressa, no âmbito da TO o que fazia furor neste mesmo momento em outras disciplinas: a gestão de tempos e movimentos é uma forma de controle do trabalho assentada no disciplinamento rígido dos corpos
  - b. esta mesma abordagem se apresenta, por isso mesmo, com notável vigência na primeira metade do século XX, tanto nas teorias produzidas pela chamada administração científica do trabalho, como nas formulações que fazem furor na sociologia do trabalho acerca das virtudes do taylorismo-fordismo.
  - c. Ora, somar a crítica produzida pela sociologia do trabalho da segunda metade do século XX (Coriat, Braverman, Desjours) à crítica de base foucaultiana assentada na ideia de docilização dos corpos, já é uma empresa intelectual e tanto
- b) Por outro lado, o trabalho pretende tratar o percurso histórico da própria TO,
  - a. mostrando como esta (tanto quanto a sociologia do trabalho) fez a crítica a este tipo de ferramenta ao tempo em que redefinia o seu lugar enquanto disciplina científica
  - b. Ora, isso é uma empresa e tanto – e se somadas as duas, sem a necessária calibragem, podemos correr o risco de “tentar colocar o chapéu onde a mão não o alcança” (como dizia a minha sábia avó)

### COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 3

**TEMA:** [título fantasia proposto por mim...o Grupo, claro, pode discordar]

**A violência de gênero na profissão do cuidado: um estudo com um grupo de estudantes de saúde em situação de estágio.**

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários.*

Gosto do tema que vocês escolheram pois não apenas se conecta com o assunto da parte final da nossa disciplina, como, e da maneira como vcs chegaram a ele, valoriza bastante o material lido.

Entretanto, penso que, da maneira como os fios de discussão teórica foram apresentados nesta versão entregue na semana passada, há que pensar, ler e trabalhar um pouco mais. Vejam as minhas observações a este respeito:

- (i) Em primeiro lugar, acho que indicar o objeto teórico de discussão, como o Grupo faz no item A da resposta, ao tema genérico “O corpo como objeto da atuação profissional” é perder o foco que vcs haviam ganho no momento da preparação do Seminário. Isto porque, este tema tão amplo não é, a meu ver, o objeto teórico do trabalho; basta ver a lista (pertinente) de conceitos chave que vcs apresentam no item B da resposta. Ou seja, há uma discussão teórica que precisa ser trazida para a frente da análise; e esta discussão (nos termos do item B) não se confunde com o tema amplíssimo d’ “O corpo como objeto da ação profissional”.
- (ii) Ademais, o material bibliográfico aludido no item B (e isso é natural, pois ali está quase que somente o material geral que demos em classe para os seminários) é ainda insuficiente para dar conta das questões teóricas mais precisamente indicadas no segundo item.
- (iii) Por outro lado, estas questões, ao modo como listadas, parecem desconexas, quando, em realidade, elas estão estreitamente imbrincadas, tal como vcs já percebiam na apresentação do Seminário. Portanto, cuidem de articulá-las quando fizerem a discussão da bibliografia pertinente, e o eixo para esta articulação, lembrem, deve ser o tema da “violência de gênero no exercício do trabalho profissional de cuidado”, que foi por vocês escolhido. Por exemplo, pelo modo como respondem ao item B me parece que vcs querem ligar a violência à feminização da profissão de cuidado. Estou errada? Se isso é certo, vale mesmo cuidar desta preciosa conexão, fortalecendo-a com bibliografia sobre efeitos da feminização de profissões (sobre o salário, por exemplo, no caso brasileiro, Lena Lavinas, mais recentemente, e Cristina Bruschini, nos anos 2000

trabalharam bastante o assunto); a biblioteca da Fundação Carlos Chagas (que não fica longe da USP) pode ser um lugar precioso para irem em busca de textos (as coletâneas por eles editadas seguramente têm material); as revistas “Pagu” e “Estudos feministas” são outras referências e estão disponíveis no Scielo.

- (iv) A propósito, um outro comentário: focar em violência de gênero significa considerar como variam, entre rapazes e moças, tanto o tipo de violência como o modo como ela é sentida; e não vi este ponto ressaltado na proposta. Que tal pensar em considera-lo, e, sobretudo, que tal pensar em como o mesmo vai ser tratado na análise dos dados que vcs pretendem recolher?
- (v) Por fim, pelo modo como vcs desenham o exercício empírico, fica patente que vão estudar a violência profissional num recorte específico, ou seja, o recorte daquelas formas que atingem diretamente, ou que foram testemunhadas, por estudantes no campo específico da Fisio, TO e Fono, no momento dos seus estágios curriculares. Isso torna ainda mais específico o objeto empírico, o que é bom, pois fica mais circunscrito. Sugiro muito enfaticamente que procurem achar dados sobre o trabalho que acaba de ser conduzido pela Profa. Maria Fernanda Peres sobre violência sofrida por estudantes de medicina da USP (vejam meu comentário específico no corpo do vosso trabalho; e na mensagem em que lhes enviei o trabalho comentado agreguei duas tabelas preciosas a que tive acesso do levantamento feito pela Professora Maria Fernanda muito recentemente (também lhes informo do contato que fiz com ela pedindo que lhe/nos ajudasse enviando materiais específicos dela e por ela referidos no tem), mas acho que vcs devem procurar por isso na Medicina e no CV Lattes da mesma.

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 4

**TEMA:** [título fantasia proposto por mim ... o Grupo, claro, pode discordar]:  
**O trabalho emocional das profissionais do sexo**

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários*

Pessoal, gosto muito do tema de vcs. Acho que certamente farão um trabalho muito rico pois vão pensar o uso do corpo e os desafios em termos de trabalho emocional no exercício de uma atividade socialmente estigmatizada – a do trabalho do sexo. Mesmo que vcs não queiram enfrentar como principal questão a da conceituação (ou não) desta atividade como “trabalho de cuidado”, ir pelo caminho das tensões identitárias é uma pista muito boa.

Ademais, como vcs têm acesso a informantes – o que via de regra é extremamente difícil – o assunto fica ainda mais interessante. Já tivemos oportunidade de trabalhar em sessão de orientação sobre a montagem do roteiro, pelo que me eximo de tratar disso neste comentário, e foco questões mais teóricas e de amarração da análise que farão.

São elas:

Em primeiro lugar, gosto MUITO do esforço do grupo no sentido de encontrar uma maneira de formular acerca da estruturação dos três tipos principais de interação, que vocês indicam no trabalho como sendo:

- profissional/cliente
- profissional/família
- e o que chamaram “profissional/identidade”

Mas, observem uma coisa: o modo pelo qual uma profissional do sexo constrói a sua identidade – a 3ª das dimensões acima listadas - não pode ser pensado como um processo interativo! Vejam que até no modo de construir a frase vcs dizem/nós dizemos “interação entre” : ou seja, interação supõe ação reciprocamente condicionada, ação entre atores (sendo redundante, para ser mais clara), enfim... inter-ação... lembram? Logo, não é conceitualmente correto referir a interação da profissional do sexo com ela mesma, entendem?

Neste caso, sugiro que seria muito mais adequado pensar – e esta é a minha proposta para contornar esta dificuldade - que há DUAS situações de interação analiticamente relevantes (e não três, como vcs dizem no trabalho): aquela que se estabelece com os clientes e aquela que se estabelece com os familiares.

Essas duas situações são decisivas para que se possa entender o processo pelo qual a trabalhadora do sexo constrói a sua identidade pessoal. Ou seja, o modo pelo qual a identidade se constrói seria um resultado do desenrolar de

experiências nestes dois domínios interativos - o profissional, de trabalho/com os clientes e o privado, pessoal/com o grupo familiar.

Um parêntese importante: no caso, e este é outro interesse que analisar este tipo de trabalho nos traz, mesmo a distinção entre público e privado (que usualmente separa os espaços do trabalho e da família) precisa ser tomada com cuidado pois se trata de um trabalho que se sustenta numa relação de intimidade, por vezes tão intensa (só que de outro tipo) que a intimidade em que se assenta a relação familiar.

Ademais, sendo esta uma atividade socialmente estigmatizada (e aí o conceito de estigma terá para o grupo imensa valia analítica – tanto no sentido de como o estigma é socialmente expresso como ele é individualmente vivido), o trabalho é exercido de forma socialmente oculta, especialmente em face ao grupo familiar, que é um grupo primário do ponto de vista da construção da identidade pessoal. Isso nos leva a uma outra indagação analítica importante nesta interface entre família e trabalho (como dois mundos de interações decisivos para os indivíduos em sociedade), qual seja, como se constroi uma identidade pessoal quando o trabalho provê uma identidade deteriorada, que não pode ser assumida publicamente nos espaços socialmente relevantes para a construção da identidade pessoal? Como se lida com esta ambivalência identitária? Como ela marca a construção da identidade pessoal dessas trabalhadoras

Duas observações finais e de natureza mais formal:

- O grupo precisa ter muito cuidado com a montagem do roteiro; já havia trabalhado cuidadosamente com Bruna nisso e vejo que, no texto que enviaram, várias noções que pensava superadas reaparecem; a principal delas é de que o roteiro não pode conter estímulos fraseados usando categorias que são da análise (trabalho emocional é um exemplo) e não da coleta, posto que não fazem sentido para a entrevistada
- O grupo precisa ser MUITO mais cuidadoso com os produtos que entrega. Não dá para o uso do português ser tão claudicante como está neste texto. E sobretudo não dá para deixar de registrar, pela pressa, avanços que já haviam sido feitos. O caso do modo como o roteiro é referido neste trabalho (Etapa 2) é exemplar: vcs voltam atrás no texto entregue com respeito a avanços já feitos. Olho vivo pois este tipo de descuido no trabalho final lhes pode ser fatal.

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 5

**TEMA:** [este título fantasia proposto por mim pode não corresponder ao objeto a ser tratado pelo Grupo posto que o texto apresentado na Etapa 2 está bem confuso e ao final da leitura não sei qual é o objeto, pelo que tomei o ultimo referido no texto como o que prevaleceria ... é muito importante ouvir o Grupo a respeito]:

### **O assédio na prática profissional dos fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais**

*Para André:*

*Como o texto do Grupo é muito longo, tem sérios problemas de redação/estilo/gramática, não acho que deva ser lido, pois para mim, em definitivo, o texto apresentado como Etapa 2 confundiu mais que esclareceu.*

*Acho, André, que neste caso, vc deve iniciar lendo os nossos comentários e, em seguida, acionar as suas duas perguntas de elucidação:*

- 1) qual pergunta o grupo pretende enfrentar ou qual hipótese mobiliza o estudo?*
- 2) como a questão será enfrentada? Quais métodos serão empregados? Qual instrumento de coleta de dados? Como será feita a análise?*

*Em resposta a essas perguntas, o que pode facilmente ser feito em 10 minutos, o Grupo deve apresentar, de modo oral e claro, o que pretende fazer.*

Pessoal confesso que o texto que vocês apresentaram como resultado da Etapa 2 de preparo do trabalho final em vez de elucidar, confundiu! Acabo de lê-lo e confesso que não sei

- a) com que questão teórica o grupo vai trabalhar
- b) e nem com que tipo de evidencia empírica de que o Grupo pretende lançar mão para fazer o seu pequeno exercício de análise

Tentarei detalhar um pouco mais esses dois pontos.

Antes, entretanto, uma preliminar. O texto é desnecessariamente longo, e, do ponto de vista do seu conteúdo, se caracteriza por um vai e vem que não deixa claro ao leitor onde (e como) vcs querem chegar. Ademais, tem sérios problemas de estilo de redação (períodos demasiadamente longos, muitas idéias misturadas, erros de pontuação, de concordância verbal e verbo-nominal...) que ajudam a criar a atmosfera de confusão que transparece para o leitor. Há que ser direto, claro, com uma idéia por período, e sem erros no uso do português! Sem isso não é possível comunicar idéias e convencer o leitor da pertinência dos seus argumentos. Há que correr muito para reparar este prejuízo!

Dito isso, há uma urgência maior: qual a questão de análise que o grupo quer enfrentar:

- a) a do assédio? Ou a da violência? Por vezes é uma coisa, outras vezes outra, mais adiante ambas... E são temas que têm diferenças tanto do ponto de vista da contabilidade empírica, como vcs indicam, como do ponto de vista da abordagem analítica.
- b) Sobre as mulheres ou independentemente da condição de sexo ou opção sexual? (observem que em um dado momento o assunto dos homossexuais e trans aparece sem que se entenda o lugar)
- c) É a violência de gênero o que lhes importa, como pareceria ser no início do texto?
- d) Ou é o assédio como parte do trabalho profissional de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, como no final? Neste caso, é de assédio sexual que se tratará ou de qualquer tipo de assédio (moral, por exemplo)? São coisas analiticamente muito diferentes
- e) Tratar-se-á do assédio sexual no trabalho profissional (supondo que o último parágrafo, até por ser o último, seja o que prevaleça) do ponto de vista do curso das interações profissionais? Do ponto de vista do trabalho de gestão de emoções que requer do profissional? Do ponto de vista do controle do corpo que se torna instrumento de trabalho inclusive pelo contato físico com paciente?

Vejam que cada pergunta, a depender da resposta que se lhe dê, supõe um tipo de questão analítica e um tipo de literatura de apoio. Bem assim, apontará para um tipo de desenho empírico, de fonte a ser privilegiada

E este é outro terreno que o texto da Etapa 2 deixa muito obscuro:

- (i) seja porque o texto junta, inadequadamente, literatura acadêmica e mídia como se fossem fontes parelhas, e não o são: uma (a literatura acadêmica) lhes serve para sustentar um ponto/uma questão/ um argumento analítico, mostrando a sua plausibilidade; a outra (a mídia social ou o que seja) será o território do qual retirarão as evidências empíricas que apontam para a possibilidade de uma demonstração (mesmo se a intenção agora não é de demonstrar nada de modo robusto, precisamos mostrar a plausibilidade empírica do argumento teórico)
- (ii) seja porque ao tratar das mídias nada fica claro: serão analisados os dois sites referidos? Qual o lugar da campanha virtual em torno do primeiro assédio? E as denúncias em base à lei Maria da Penha? Tudo vai ser usado? Ou parte disso apenas? Para que? Recolhendo dados onde? Recobrando que período???

Em definitivo esse grande número de aspectos cruciais não pode permanecer obscuro como está sob pena de prejudicar muito o grupo. A Etapa 2 deveria tê-lo clarificado.

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 6

### TEMA:

**O crescimento do mercado da beleza como um reflexo da intensificação do culto ao corpo.**

*[ Este é um título proposto pelo Grupo ]*

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários*

Pessoal, acho que o Grupo tem um tema bem circunscrito e uma idéia de exercício empírico que é interessante. Entretanto, o que foi apresentado como Etapa 2 deixou algumas lacunas importantes que há que sanar rapidamente para que o trabalho progrida a contento.

Destaco as principais:

- (i) Em primeiro lugar, Le Breton e Ana Castro foram autores de partida para o grande tema, mas não podem ser seus autores de chegada, tendo em vista a montagem de uma questão analiticamente sólida e conectada à Parte II do nosso programa - como parece sugerido no ultimo parágrafo do texto. Vejam bem, vcs querem trabalhar com o mercado de beleza e indústria a ele voltada no Brasil, mas um desses autores é estrangeiro e apenas alude ao tema, enquanto a outra tem idéias interessantes mas um levantamento empírico já antigo!!! Há que ir ao Scielo e ao banco de teses da Capes, buscar por palavras chaves, como "mercado da beleza" por exemplo, e ver o que aparece como trabalhos acadêmicos que fortaleçam e enriqueçam o vosso argumento. Isso não está bem!!!
- (ii) Em segundo lugar, no trabalho final (tanto quando o era na Etapa 2), não basta afirmar que os conceitos de "corporeidade" e de "técnicas do corpo" são importantes para o tema escolhido pelo grupo. Será preciso argumentar por que / em que são importantes!
- (iii) Do ponto de vista empírico, há indefinições que não deveriam prevalecer a esta altura e que, logo, precisam ser sanadas com brevidade. Assim, havia que ter indicado no texto apresentado na Etapa 2 qual ou quais revistas serão tomadas como objeto para a coleta de dados, bem assim o período que recobririam nesta pesquisa para que vissemos da viabilidade!!! Já que não o fizeram, há que defini-lo logo! E tal definição tem que ser sistemática... ou seja, não se trata de achar qualquer coisa (umas quantas ilustrações, ao modo jornalístico), para qualquer momento, em qualquer revista! É preciso argumentar o porquê da escolha de certa(s) revisata(s) e certo período.

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 7

**TEMA:** *[este título fantasia proposto por mim pode não corresponder ao objeto a ser tratado pelo Grupo posto que o texto apresentado na Etapa 2 está bem confuso e ao final da leitura não sei qual é o objeto, pelo que tomei um dos modos de referí-lo no texto como o que prevaleceria, dado o tipo de desenho que parece estar sendo mensado ... Mas posso estar redondamente enganada e, por isso mesmo, é muito importante ouvir o Grupo a respeito]:*

### **O paciente e suas representações a respeito das suas deficiências**

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários*

Caros, lendo a mensagem internet que nos foi enviada com algumas diretrizes com respeito ao que pedimos para a Etapa 2 do trabalho final, penso que há uma indefinição analítica importante a ser sanada. A meu juízo, na forma como redigido, o texto deixa entrever a existência de pelo menos três diferentes (e possíveis) objetos teóricos a serem focalizados no trabalho final e ilustrados com um exercício empírico (e me corrijam e lhes mal interpretei):

- (i) uma coisa é analisar-se a relação terapeuta-paciente (primeira formulação apresentada)
- (ii) outra é analisar-se o modo como o paciente lida com as suas deficiências em progresso dados os diferentes estágios da enfermidade
- (iii) e outra é, por fim, analisar-se como o paciente gostaria de ser tratado nos diferentes estágios da sua enfermidade

Ora, o primeiro supõe a análise de uma relação; já o segundo e o terceiro supõem a análise de uma experiência tomando o ponto de vista do sujeito que vive a enfermidade.

A distinguir os dois últimos está a natureza da representação. No segundo exemplo a análise estaria voltada para tratar uma construção intra-subjetiva, na medida em que se procura ver como o avanço da enfermidade produz percepções distintas sobre a deficiência crescente que ela impõe. Já no terceiro modo de formular o objeto da análise, trata-se de entender não uma experiência vivida mas por viver (ou seja, a formulação de vcs aponta para o interesse a respeito daquilo que o paciente espera), ou seja, não o que ele vive interiormente mas o que se espera venha a ser a conduta terapêutica (ou o “modo de tratamento” ... , uma expressão pouco clara para mim, de resto) que lhe será conferido por um outro, o fisioterapeuta.

Vale dizer, variando os casos estamos diante de

- (i) Objetos de análise (questões teóricas) distintas,

- (ii) de literaturas de referencia também distintas,
- (iii) e de desenhos de observação igualmente diversos.

Lendo o texto de vcs, me pareceu que não seria a primeira a questão analítica prevalecente, e que a remissão ao objeto “relação terapeuta-paciente” era apenas retórica; afinal, se se tratasse de estudar uma situação de interação, como é o caso da relação terapeuta-paciente, não bastaria conversar com pacientes, como vcs pensam fazer!!! Por isso penso que o primeiro tipo de tema, que aparece na primeira frase do texto, fica descartado; e creio que, entre a segunda e a terceira alternativas, seria esta última a questão teórica que os mobilizava (inferi isso também do modo como pensavam fazer o levantamento de dados, tratando “do toque e do modo de interação com os fisioterapeutas”). Por isso propus o “título-fantasia” que está no topo deste comentário.

Por outro lado, tenho uma duvida metodológica que creio pertinente: escolhendo pacientes diferentes, com enfermidades diferentes, como testar a hipótese que parece implícita de que à medida em que a enfermidade progride variam as representações sobre a deficiência crescente e/ou sobre os modos almejados de tratamento? (e como não fica claro o que será estudado, deixo estas duas alternativas abertas, mas sublinho que para ambas o critério de escolha dos casos não me parece adequada) Lembrem que vcs mesmo disseram, no inicio do texto, que escolheriam “pessoa com doença congênita, pessoa que acabou de sofrer a lesão e pessoa que sofreu lesão há anos.” Ora, “simples idosos” não me parecem comparáveis a pacientes neurológicos, ao menos para os fins da gradação que vcs mesmos indicaram. Ou, se o são, vcs deveriam ter desenvolvido/evidenciado o que os faz comparáveis e como fariam tal comparação, de maneira a testar o argumento (sobre a dificuldade física crescente) que parece implícito na forma de hipótese.

Precisamos que isso claro na nossa discussão do dia 24, pois já deveria ter ficado claro no texto preparado para a Etapa 2.

Ademais, não se esperava que vcs fizessem, como resultado desta segunda etapa, uma mera lista de conceitos, como está no texto (de resto excessivamente sucinto!); afinal uma simples lista pode ser feita por qualquer um!!! Queríamos que vcs argumentassem o porquê de escolherem estes conceitos como as ancoras mais importantes para a questão que vão analisar, o que cada um deles aporta, em que enriquece a fundamentação do texto que vão preparar como paper final.

Um alerta final: preparar o trabalho é também sair em campo - VOCÊS saírem em campo -, em pesquisa bibliográfica (Sielo, J-Stor, banco Capes de teses e dissertações), buscando pelas palavras-chave que melhor atendam ao recorte da questão chave. Podemos ajuda-los, mas não vamos substituí-los nisso... E para ajuda-los precisamos que cheguem às definições e precisões que lhes cobro acima.

## **COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 8**

**TEMA:** [título fantasia proposto por mim...Parti de uma formulação inicial do Grupo, adaptando-a ao que pensei era o pretendido. O Grupo, claro, pode discordar]:

### **Os determinantes dos padrões de beleza: um estudo com estudantes de fisioterapia**

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários*

O Grupo tem um tema interessante, cabível na agenda da Parte II da nossa disciplina, e penso que factível como embrião de trabalho final, no modo como o estão até aqui tentativamente concebendo.

Entretanto, tenho algumas considerações que penso importante e sobre as quais gostaria que o Grupo refletisse e (idealmente) ajustasse algumas definições que parece já ter tomado.

Em primeiro lugar, não concordo com o essencial da definição do objeto teórico, quando o Grupo afirma que “escolheu abordar a questão teórica sobre padrão de beleza na sociedade, enfatizando o quanto os fatores internos de cada indivíduo influenciam nesse padrão.” Com isso não quero dizer que “fatores internos a cada indivíduo” não influenciem. Quero dizer que o estudo que o Grupo pretende fazer não assegura que esta questão será efetivamente controlada para testar o argumento. Senão, vejamos:

- (i) Para evidenciar que vai testar o peso do que chama “fatores internos”, o Grupo afirma que selecionará estudantes inseridos em “contextos” semelhantes (e a aspa, nesse caso, é do Grupo). Ora, o que o Grupo quer dizer com a a firmação de que os estudantes que observarão estão inseridos em “contextos” semelhantes? Esta é uma formulação vaga e imprópria.
  - a. Primeiro, vaga porque a própria palavra “contexto” está entre aspas, a indicar que vcs também a entendem como pouco precisa, metafórica talvez.
  - b. Segundo, imprópria porque o que se entende por “contexto” pode variar: se o Grupo entende que contexto semelhante é dado pela condição de serem todos alunos da USP e, nesta, de um mesmo curso, penso que isso é insuficiente para garantir tal almejada similitude; observem que, mesmo estudando num mesmo contexto institucional, eles provêm de contextos familiares distintos, foram socializados com valores distintos, têm habitus de classe diversos... e tudo isso diz do contexto em que construíram suas apreciações sobre o que é o belo.
  - c. E – sobretudo – nada disso pode ser pensado como “fator interno” (lembrem das aulas na parte I do programa?); tudo isso deve ser visto, antes, como internalização de uma exterioridade (para pensar com Bourdieu e Lahire). Não há fator interno absoluto! Isso

- é essencial à sociologia como disciplina autônoma face à psicologia, e o vimos exaustivamente na parte I do programa. Sobretudo por isso não gosto desta categoria “fatores internos” que é tão decisiva no enunciar da questão teórica. Sugeriria enfaticamente que vcs a revisassem, e repensassem o núcleo do argumento teórico.
- d. Ademais, quando vcs se decidem a selecionar um grupo de calouros (alunos do 1º ano) acho que a dificuldade de aceitar o desenho proposto pelo Grupo só aumenta. Isso porque os fatores sociais pesam muito e mais ainda dado o fato de que são calouros, ou seja, com pouco tempo de experiência/ ressocialização no ambiente comum-USP.
- (ii) Para não dizerem que eu só apontei “problema” e não ajudei na busca de “solução”, aí vai uma idéia
- a. é perfeitamente possível testar o efeito dos fatores sociais aplicando aos seus observados um pequena bateria de perguntas a respeito destes fatores, isto é, de sua condição/origem sócio-econômica. Sugiro algumas variáveis para esta pequena bateria de informações de origem: educação dos pais, ocupação dos pais, condições do local de residência/no de cômodos, número de empregados, número de automóveis, tipo de escola que cursou antes, se pública ou privada, .se precisou trabalhar para custear seus estudos, se os pais precisaram trabalhar para custear seus estudos; consumo cultural dos pais e dos alunos – que tipo de lazer têm.
- b. Ademais, fazendo este tipo de ampliação das variáveis a colher, não precisariam incluir na análise um contra-caso, como foi cogitado (as mocas da limpeza no prédio de Fisio) pois a diversidade socioeconômica seria explorada ao interior do grupo para ver se ela tem poder de explicação relevante sobre os gostos/padrões de beleza
- (iii) Por fim, tenho um problema com o número de casos: Por que 20 estudantes??? Como seriam escolhidos estes 20 alunos??? Temo que vcs homogeneizem, em termos socioeconômicos, o grupo escolhido, a depender do (maior ou menor) cuidado no processo de escolha ... e isso pode complicar muito a validade do que concluíam. Por que não aplicar o exercício a todo o grupo de alunos do primeiro ano de fisioterapia? Ademais o “n” 20 é muito pequeno para qualquer tipo de análise quantitativa...

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 9

**TEMA:** [título fantasia proposto por mim.... O Grupo, claro, pode discordar]:  
**Maneiras de nomear, formas de estigmatizar: “portadores de deficiência” ou “pessoas com deficiências”?**

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários*

Observando a maneira como foi formulada pelo Grupo a sua pergunta de pesquisa, não ficou clara para mim qual a questão teórica / analiticamente relevante que está por traz deste tema? E isso é importante porque não tendo ficado claro o que se persegue analiticamente, fica difícil pensar qual a literatura que lhes apoiaria na reflexão.

Arriscaria dizer, para reflexão do Grupo, que talvez a questão central que o Grupo irá enfrentar diz respeito a que as maneiras de nomear que usamos socialmente podem ser / trazer em si formas de estigmatizar aqueles que nomeamos. Ou seja, nesse sentido, há, na sociedade, uma espécie de “luta pela nomeação”, há disputas em torno das categorias que seriam as mais adequadas para nomear pessoas, situações, estatutos, etc, especialmente aqueles sujeitos a discriminação, inferiorização, estigmatização. Assim, “negros” reivindicam para si este nome ao invés de “pretos” (como aparece nas estatísticas oficiais, ou mesmo “pardos”); “prostitutas” se reivindicam “trabalhadoras do sexo”; “cuidadoras” assim se nomeiam para se diferenciar de outras “trabalhadoras domésticas”, notadamente das “empregadas domésticas”... e assim poderíamos seguir com uma multidão de exemplos.

Talvez Pierre Bourdieu seja o autor contemporâneo que melhor trabalhou a este respeito na Sociologia.

Para mapear este campo de disputa em torno da nomeação vale observar algumas coisas – e lhes passo algumas primeiras idéias que tive:

- a) quem tem direito a nomear: ou seja, no caso do exemplo de vocês, de quem partiu a iniciativa para mudar a maneira de referir o deficiente (lembrar que o próprio termo deficiência também é objeto de questionamento)
- b) quais argumentos são por essas pessoas/entidades usados em favor de tal mudança?
- c) quem resiste a estas mudanças? E que argumentos usa em favor de manter tal mudança
- d) ver também aqueles que são objeto desta nomeação, aqueles sobre quem se põe a classificação, como a vêm (e é legal o intuito de contrastar o que pensam os militantes da causa, confrontando suas narrativas com o que pensam os deficientes )

## COMENTÁRIOS AO TRABALHO DO GRUPO 10

### TEMA: O olhar das pessoas sobre os estigmatizados

[ Este é um título proposto pelo Grupo ]

*Como o texto do Grupo é curto, sugiro que eles leiam antes de apresentarmos os nossos comentários*

Caros membros do Grupo, preliminarmente penso que a ideia proposta por vcs é muito boa tanto porque se adequa à agenda de temas caros a nossa disciplina e permite acionar autores e conceitos que vimos, como porque pode ser feita com base num exercício empírico viável, embora precise ser cuidado em suas condições. E sobre isso faço alguns comentários:

- (i) Em primeiro lugar, creio que é necessário que vcs preparem um pequeno roteiro para guiar e de certo modo equalizar a forma de abordar as pessoas, de maneira que esta não varie tanto a ponto de contaminar os achados, diferenciando os modos de resposta porque o modo de perguntar tenha sido muito distinto. Gostaria MUITO de ver e opinar sobre este roteiro antes que vcs o aplicassem.
- (ii) Outro aspecto metodológico muito importante é ONDE vcs vão encontrar e abordar essas pessoas. Lugares são seletivos por sua circulação e vcs podem usar esta seletividade em vosso favor. Por exemplo, abordando pessoas em locais onde circulam indivíduos mais afluentes e outros onde circulam indivíduos menos afluentes.
- (iii) Finalmente, há que controlar quem vcs abordam: por exemplo não dá para apenas abordar brancos para medir estereótipos raciais; já que calibrar a cor dos indivíduos. Bem assim, pode ser interessante aplicar a pesquisa com pessoas com deficiência e com pessoas sem deficiência aparente, que acham? Enfim, há que controlar minimamente características dos respondentes que podem influir na maneira de descrever as fotos (cor, classe, deficiência...)
- (iv) No que se refere a estudos similares ou que possam iluminar os desafios postos por seu estudo, diria algumas coisas.
  - a. Em momento recente foi realizada uma pesquisa em diferentes países da América Latina sobre classificação racial (PERLA) onde aspectos como estes que lhes interessam foram discutidos e poderia lhe ser útil o debate teórico que eles fazem e não tanto a pesquisa e os resultados pois o tema é algo distinto. Procurem por Edward Telles (um brasileiro que vive nos EUA que coordenou a pesquisa) no Google, YouTube. Uma autora brasileira que

participou deste estudo e tem publicações que discutem aspectos teóricos que podem lhe ajudar se chama Graziela Morais e Silva e é docente da UFRJ. Procurem no Lattes dessas pessoas as publicações e as persigam no Scielo

- b. Por outro lado, há estudos que usaram fotos para tratar de estigmatização racial. Penso especialmente numa pesquisa feita no Brasil e que se chamou PESB (coloquem no Google e tentem achar mais informações). Foi feita na UFF e coordenada pelo Professor Alberto Carlos (esqueci o sobrenome e estou sem rede aqui no hotel para poder obter). Edward Telles, acima citado, usa muito e cita bastante esta pesquisa no seu livro “Racismo à Brasileira”. Procurem o livro na biblioteca da USP pois há exemplar, e vejam os comentários e, assim fazendo, cheguem até aos artigos que veiculam resultados da PESB. Essa pesquisa pode lhes ser muito útil pois tem uma metodologia que se assemelha à que vcs querem usar